

O Brasil que vamos ser

A. GOMES DA COSTA

Já assistimos a um espetáculo semelhante: a esboqueação dos políticos, o bota-abixo das centrais sindicais, a selvageria dos cangalheiros. O País ficou nas costuras em dois tempos: greves todos os dias; a autogestão nas empresas; vendeu-se o ouro e queimaram-se divisas para garantir o fornecimento do pão nosso de cada dia; pouco se produzia no campo e faziam-se comícios de sol a sol nos cinturões industriais; as instituições desmantelavam-se e nos "cafés" a piada era corrente: vamos cobrir Portugal com um pano branco e escrever em cima — "mudou-se".

Viviam-se os anos do fim e, nas tascas do Bairro Alto, os "militares sem sono" comiam as iscas, entornavam os copos e discutiam formas de dar cabo da burguesia.

Foram necessários anos de luta e de apreensões até aparecer um estadista de coragem e de moral para recolocar o País nos eixos. Só no fim da década de 70, com Francisco Sá Carneiro, se inicia, para valer, o processo de reversão. Nessa altura, o cenário era desolador: a produção estava de rastros; os políticos desmoralizados; os in-

vestimentos tinham desaparecido; o desemprego alastrava-se por toda a parte; o déficit público aviltava a moeda; o ensino era uma vergonha, e a Pátria uma choldra, como diria o Eça de Queirós.

Mas se muito tinha sido destruído — queimavam-se os pinhais nas serras; paravam-se as fábricas jogando de propósito areia nos motores; arrancavam-se das antologias as páginas da Epopéia; ridicularizava-se a Igreja; ocupavam-se as terras e transformavam-se as escolas em focos do marxismo — não se tinha conseguido, entretanto, destruir as reservas cívicas de uma parte da população, os portugueses de não vergar continuavam de pé e os patriotas, capazes de arriscar a vida pela terra onde nasceram, mantinham-se inteiros.

A lembrança de Rio Maior era o emblema; o clamor do Minho e de Trás-os-Montes era senha; as manifestações contra o caos e o desgoverno eram o sinal indicativo da esperança e da portugalidade.

Foi assim que a muito custo se refez um país ameaçado de desaparecer, ou no seio da Madre Hispânica, ou no ventre da Madre Rússia — desde que viesse a chuchadeira para os malandros, valia tudo. E sui-

preendeu ver como um povo que parecia entregue ao desatino e paralisado pela cainçalha reagiu em peso, com o trabalho e a dignidade, o sacrifício e a determinação, para reencontrar seus caminhos e sentir de novo orgulho de seu passado.

No Brasil de hoje temos fortes indícios de que uma minoria quer solapar as instituições, corromper os condutos democráticos, impedir que o País acerte o passo com a modernidade e o desenvolvimento. O discurso é semelhante ao que se escutava em 1975 às margens do Tejo. A agitação é a mesma. Os desatinos são a cópia. Não há fogo posto nas matas; nem areia nas bobinas; nem saque nas fazendas; nem constrições nos plenários; nem barricadas nas estradas. Mas nada disso tardará se não formos capazes agora de despertar a parte sã do Brasil: as maiorias silenciosas; os verdadeiros patriotas; os que fazem e os que sonham; os que apostam na força da nacionalidade e os que estão dispostos a sacrificar tudo pela sua regeneração e pela sua dignidade.

É a hora de dizer que o País que queremos não é o deles e que no futuro que vamos construir não entram os escombros, nem os trastes que nos querem impingir.